

28, 29 e 30
de Outubro



XVI SENPEX

Inclusão e Diversidade Científica:
Democratizando o Conhecimento

SUORTES TEXTUAIS E INFERÊNCIAS EM TEXTOS QUE CIRCULAM NA REDE SOCIAL *FACEBOOK*

Educação

Luiza Liene Bressan da Costa¹; Gerusa Citadin Righetto²; Marilete Aparecida Willemann³

1 Unibave. e-mail luizalbc@yahoo.com.br

2 Unibave. e-mail gerusacitadin@gmail.com

3. Unibave, e-mail: mara.w@unibave.net

Resumo: Este artigo analisa o processo inferencial em textos que circulam em murais de *facebook*, observando como esse processo auxilia em sua compreensão. Nesse contexto, faz uma breve revisão sobre gêneros e suportes textuais em mídia eletrônica. Para tanto, utilizar-se-ão os pressupostos da Linguística Textual e, mais especificamente, os estudos de Marcuschi. A proposta é uma reflexão sobre o estudo dos gêneros textuais que têm como suporte o *facebook* e de que forma se pode inferir nas mensagens que são veiculadas.

Palavras-chave: gêneros textuais; inferências; suportes textuais; redes sociais.

Introdução

O presente estudo objetiva analisar alguns textos que circulam nas redes sociais, principalmente aqueles que têm como suporte o *facebook*. Para tanto, utilizar-se-ão os pressupostos da Linguística Textual e, mais especificamente, os estudos de Marcuschi.

Assim, cabe revisitar algumas teorias que são necessárias para que se compreenda o recorte realizado para esta pesquisa. A primeira abordagem que se faz necessária é a compreensão de gênero textual. Conforme estudos de Swales (1990 *apud* Marcuschi, 2008, p. 147) “gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado, escrito, com ou sem aspirações

literárias”. Dessa forma, pode-se entender que as manifestações textuais são de natureza sociocomunicativa e se estabelecem nos meios sociais, multiplicando-se, conforme as necessidades interacionais.

Marcuschi (2008) lembra que, cada vez mais, os gêneros textuais têm características multidisciplinares e, porque não dizer, transdisciplinares, uma vez que sua abordagem transcende a linguística, incorporando-se aos estudos de inúmeras áreas do saber que estudam o fenômeno linguístico, além-muros de uma disciplina única, somente no contexto escolar. Com este estudo, também se espera relacionar um gênero oriundo de mídias digitais emergentes com os recursos e ferramentas das novas tecnologias, a fim de aperfeiçoar o trabalho do docente e, conseqüentemente, a qualidade das aulas, as quais se tornarão mais interativas, atraindo assim diferentes e interessantes olhares dos discentes, diante dessas novas práticas de ensino que poderão redimensionar o ensino de Língua Portuguesa, principalmente entre os jovens em fase de conclusão do ensino médio.

Gêneros Textuais: Algumas Considerações

Para Marcuschi (2003 s. p.):

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

E por se caracterizarem por meio da maleabilidade, dinamicidade e plasticidade, os gêneros textuais preenchem os espaços comunicativos, reinventando-se constantemente. Marcuschi (2008) lembra que os estudos sobre gênero recebem todo tipo de contribuição teórica e são férteis áreas interdisciplinares, apontando especialmente para a linguagem em funcionamento e para as práticas culturais e sociais.

Os estudos no Brasil sobre gêneros textuais se apoiam em algumas correntes, a saber: a linha de Bakhtin, com tendência sociointeracionista vygotskyana e que tem em Schneuwly, Dolz e Bronckart os principais estudiosos. Outra linha é a perspectiva

de Swales, mais formal. A terceira corrente se baseia nos estudos de Halliday, cuja ênfase está centrada na teoria sistêmico-funcionalista. E, por fim, uma quarta linha mais geral que recebe influências várias (Marcuschi, 2008).

Nesse sentido, cabe dizer, conforme Marcuschi (2008), o que se entende por tipo textual, gênero e domínio discursivo. Para o autor, tipo textual refere-se a uma construção teórica, mais ou menos pré-acordada em textos que se materializam e se configuram com sequências que se assemelham (descrição, injunção, narração entre outros). Gênero textual são textos que se encontram no cotidiano e que se materializam em situações sociocomunicativas, identitárias de esferas sociais que se vinculam a atividades humanas, em cujo domínio discursivo constitui uma relação da atividade humana em comunicação nas quais se pode identificar um conjunto de gêneros textuais institucionalizados e instaurados que mantêm relações de poder.

Redes sociais como Suportes Textuais

As redes sociais, segundo Marteleto (2001, p. 72):

[...] representam “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. [...] só nas últimas décadas o trabalho pessoal em redes organizacional, apesar de o envolvimento das pessoas em redes existir desde a história da humanidade. A rede, que é uma estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e auto-organizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação.

Costa *et al.* (2003, p. 73) atestam que a rede “é uma forma de organização caracterizada fundamentalmente pela sua horizontalidade, isto é, pelo modo de inter-relacionar os elementos sem hierarquia”.

As redes sociais expandiram a interatividade e conquistaram públicos de diferentes formações culturais que compartilham mensagens, veiculam ideologias, enfim, interagem. Conforme a enciclopédia virtual *Wikipédia*, *facebook* é:

Um *site* e serviço de rede social que foi lançada em 04 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da *Facebook* Inc. Em 4 de outubro de 2012, o *Facebook* atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos. Em média 316.455 pessoas se cadastram por dia no *Facebook*, desde sua criação em 4 de fevereiro de 2004. (Wikipedia, 2015)

Como se pode perceber, o *facebook* é um serviço de rede social e que agrega milhões de pessoas em todo o planeta. Esses usuários compartilham todos os tipos de informação em um espaço que chamam “mural”. E são algumas dessas informações, chamadas de “*posts*”, que são estudadas nesse ensaio.

Pontuadas brevemente essas definições, cabe agora entender o que se chama suporte textual. Conforme Marcuschi (2008, p. 174):

Suporte de um gênero é um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa, e mostra um texto.

No *facebook*, o mural tem essa função de suporte. Conforme a enciclopédia virtual *Wikipedia*:

O Mural é um espaço na página de perfil do usuário que permite aos amigos postar mensagens para os outros verem. Ele é visível para qualquer pessoa com permissão para ver o perfil completo, e posts diferentes no mural aparecem separados no “*Feed* de Notícias”. Muitos usuários usam os murais de seus amigos para deixar avisos e recados temporários. Mensagens privadas são salvas em “*Mensagens*”, que são enviadas à caixa de entrada do usuário e são visíveis apenas ao remetente e ao destinatário, bem como num *e-mail*.

Por se tratar de um *site*, adota-se, nesse estudo, a posição de Marcuschi (2008, p. 186) que diz que “*site* é um suporte e não um gênero”.

Outro aspecto é lembrar que esse suporte textual interage com um público cujo domínio discursivo é partilhado. Domínio discursivo, como diz Marcuschi (2008), é uma esfera da vida social ou institucional na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. Os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmite de geração para geração, com propósitos e efeitos definidos e claros.

Atividade Inferencial: A Relação da Linguagem-mundo

“Compreender é inferir. Se compreender é inferir, a língua pressupõe atividade” (Marcuschi, 2008, p. 237).

As teorias que postulam que compreender é uma atividade cooperativa e inferencial, entendem o trabalho de compreensão como construtivo, criativo e sociointerativo. Dessa maneira, a língua é vista como uma atividade dinâmica,

sociocognitiva, uma vez que a linguagem é uma forma de ação no mundo, na qual fatores sociais, históricos, cognitivos e mentais são socioculturais e partilhados por um conjunto de falantes/leitores.

As noções de conhecimento partilhado e de mundo são fundamentais nesse processo, principalmente quando se está considerando os processos inferenciais. Porém, ainda são noções não muito claras na atualidade, ou melhor, embora em todo texto que se lê sobre inferência e compreensão esses termos estejam presentes, geralmente não são definidos porque não são conceitos prontos/acabados. A própria atividade inferencial é processual e dinâmica e essa dinamicidade impede definições estanques.

Dell'Isola (2001) explica em imagens como ocorre o processo de diferenciação, no qual o leitor/ouvinte, ao se deparar com uma informação, mentaliza o que esta informação representa para ele. Como cada indivíduo interpreta a informação de uma forma, as representações da informação são diferentes e carregam traços de vivências pessoais.

Durante a construção do sentido na leitura, ocorrem processos inferenciais. A inferência revela-se como conclusão de um raciocínio, como elaboração de um pensamento, como uma expectativa. Sua manifestação envolve estados afetivos individuais e reações socialmente marcadas, que, como forma de confiança ou inquietação, constituem diferentes graus de crença (Dell'Isola, 2001, p.42).

Dell'Isola (2001), comenta, ainda, que o contexto social e o contexto cultural estão intimamente correlacionados e a informação sociocultural é parte importante do conhecimento gravado na memória do indivíduo, conhecimento este que é usado na compreensão textual e produção de inferências.

Inferências são geradas de um conhecimento prévio de mundo que, por sua vez, nasce do conjunto de vivências, experiências e comportamentos sociais de cada indivíduo. Os indivíduos que pertencem ao mesmo grupo possuem conhecimento de mundo similar, uma vez que compartilham de práticas de vida semelhantes (Dell'Isola, 2001, p.42).

A contribuição essencial das inferências na compreensão de textos é funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência. Para que haja

compreensão, influenciam: as condições textuais, pragmáticas, cognitivas, interesses e outros fatores, tais como conhecimento de gênero e forma de textualização (Marcuschi, 2008).

Em seu relato sobre a virada cognitivista nos estudos linguísticos, Koch (2004) apresenta o posicionamento de autores que defendiam essa visão de texto. Segundo a autora, para Beaugrande e Dressler (1981 *apud* Koch, 2004), o texto é originado por uma multiplicidade de operações linguísticas interligadas. Heinemann e Viehweger (1991 *apud* Koch, 2009), no processamento textual concorrem quatro grandes sistemas de conhecimento, o linguístico, o enciclopédico, o interacional e o referente a modelos textuais globais;

Em Van Dijk e Kintsch (1983 *apud* Koch; Travaglia, 2000), a autora destaca a defesa de que o processamento cognitivo de um texto é estratégico e depende não só de características textuais, mas também de características do usuário da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo. A autora ressalta que em Dascal (1982, *apud* Koch, 2004), as estratégias cognitivas são entendidas como estratégias de uso de conhecimento e esse uso depende dos objetivos do usuário em cada contexto ou situação comunicativa, revelando suas crenças e opiniões ao mesmo tempo em que, no momento da compreensão, permite não só a reconstrução do sentido intencionado como também a construção de outros sentidos não previstos ou desejados pelo produtor do texto.

Cabe-nos, ainda, pensar sobre os tipos de conhecimentos prévios (quadro 1) que são acionados para que as inferências possam ser processadas

Quadro 1 - Conhecimentos prévios

- **conhecimento textual** - refere-se à nossa percepção de como se organizam os textos. Assim, por exemplo, constatamos que estamos lendo uma receita quando identificamos a organização típica de lista de ingredientes e modo de fazer, quando percebemos o objetivo desse gênero textual (ensinar a fazer uma torta, por exemplo).

- **conhecimento linguístico** - refere-se à experiência linguísticodiscursiva, como noções de construção de frases, valores semânticos, uso de afixos. Retomando o exemplo da receita, quando identificamos sua estrutura injuntiva típica, percebemos, principalmente, verbos com valor imperativo.

- **conhecimento enciclopédico** (também chamado conhecimento de mundo) - refere-se a tudo o que assimilamos no decorrer da nossa vida, desde noções de quantidade a conceitos como doce/amargo, passando por informações históricas, sociais, culturais etc. Portanto, ao ler um texto, sempre retomamos, de certa forma, na nossa memória, o que já lemos e conhecemos, para fazer inferências e compreender o texto que está na nossa frente.

- **conhecimento intertextual** - colabora para identificarmos as referências, explícitas ou implícitas, a outros textos. Assim, diante de um livro intitulado A verdadeira história dos três porquinhos, 1 se conhecemos a versão tradicional desse conto de fadas, logo imaginamos que estamos diante de uma história que a retoma, apresentando algum fato novo, como um final diferente, por exemplo. Nesse caso, o título começa com “a verdadeira história”, o que remete para a desconfiança de que a outra versão seria falsa (percebemos isso pelo nosso conhecimento linguístico, semântico, da palavra “verdadeira”): e o livro, de fato, pretende apresentar uma nova versão, a do Lobo Mau, que se considera injustiçado, pois não teve culpa de derrubar as casas dos porquinhos. É necessário ressaltar, porém, que a não identificação do texto-fonte da intertextualidade não impede a compreensão, apenas dificulta a percepção de algum aspecto peculiar do texto que retoma outro.

- **o conhecimento contextual** - refere-se à associação do texto a ser lido com o contexto de leitura e de produção. Isso equivale a dizer, em linhas gerais, que contextualizar significa também perceber intencionalidades interacionais. Por exemplo, ao ouvirmos uma frase como “Depois eu falo com você lá fora”, vinda, amistosamente, de um amigo que está ocupado, ou de um professor, em tom pouco amigoso, percebemos pela situação interacional se devemos ficar felizes ou preocupados com o aviso de que a conversa continuará “lá fora”.

Fonte: Adaptação de Santos, Cuba Riche e Teixeira (2012, p. 42-43)

O acionamento desses conhecimentos prévios, que são separados apenas por questões didáticas, é essencial para a construção dos sentidos, que incluem a reelaboração de referentes.

Procedimentos Metodológicos

Creswell (2014) analisa os conceitos e definições metodológicas referentes à pesquisa como um norte e à macro interpretação científica mediante um universo

investigativo auferido pelo levantamento de dados e experimentos que incidirão numa concepção fundamentalista do objeto pesquisado. Minayo (2009, p. 23), em complemento às ideias de Creswell (2014), acrescenta que a pesquisa enquanto metodologia leva o pesquisador a ter "[...] uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente".

Nesse sentido, a proposta desse estudo é analisar o papel das inferências na compreensão de textos veiculados no mural do *Facebook*. Para tanto, foram selecionados aleatoriamente, para compor o *corpus* de análise dessa pesquisa, dois textos veiculados em murais de *facebook*, de outubro de 2012, sobre o caso criminal "Elisa Samudio", quando foi julgado Luiz Henrique Ferreira Romão, conhecido como "Macarrão", envolvido no desaparecimento e morte de Elisa Samudio, ex-namorada do ex-goleiro Bruno do time de futebol brasileiro Flamengo.

A abordagem qualitativa (Martins; Theophilo, 2009) permitiu-nos discutir os textos selecionados nas perspectivas propostas por Marcuschi (2008), tendo com ponto de vista a questão de gêneros textuais e inferências em textos publicados em redes sociais.

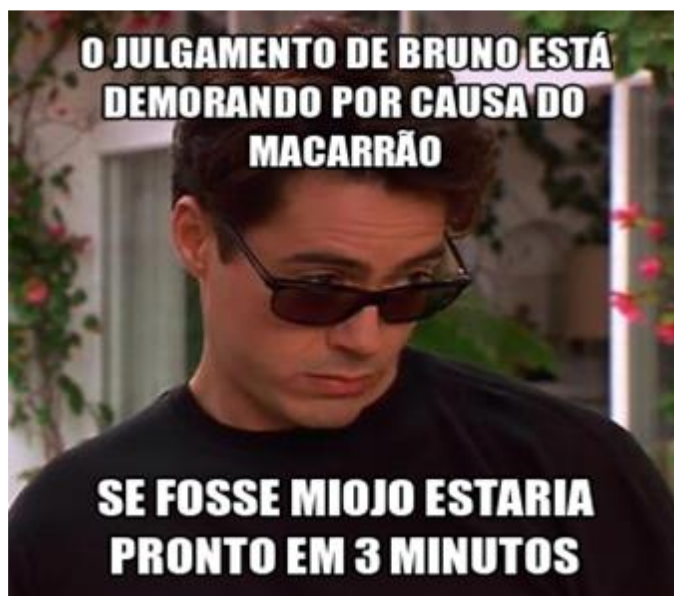
A pesquisa qualitativa é baseada na análise de dados não-numéricos, como entrevistas, diários, observações, discussões em grupo, análises de documentos, imagens e outras fontes.

Esta abordagem permite ao pesquisador aprofundar-se nos dados, explorar as experiências e as perspectivas das pessoas envolvidas e criar uma narrativa sobre a questão em estudo (Oliveira, 2011).

Resultados e Discussão

Vejamos, a seguir, o primeiro texto analisado (Figura 1):

Figura 1 – Texto 1: “O julgamento de Bruno está demorando por causa do Macarrão”



Fonte: <http://www.facebook.com/home.php!/home.php>

Como se pode observar, o texto é constituído por linguagem verbal e não verbal. A não verbal sugere uma expressão humana entre o irônico e incrédulo. É como se a expressão da personagem sugerisse uma espécie de questionamento entre o dito e o mostrado. Já, a linguagem verbal completa o texto, impregnando-o de sentidos e de possíveis interpretações, como é próprio do gênero humorístico que, de acordo com Possenti (1998), é polifônico e polissêmico, mas é necessário que o leitor interprete de uma forma para que ocorra a compreensão da piada.

Assim, se alguém não partilha das informações sobre o julgamento ou nem mesmo conheça o caso, não fará a inferência que o jogo de palavras pressupõe, comprometendo o entendimento da mensagem. É necessário inferir que “Macarrão” é a pessoa em julgamento (inferência lexical/referencial) e que a ideia de que o “miojo” fica pronto em três minutos está conectada à morosidade de processos judiciais (conhecimento de mundo - prévios). Se esse conhecimento de mundo não for partilhado, a proposta do texto não pôde ser compreendida de maneira completa.

A piada carrega fortemente essa característica, isto é, procura despistar o ouvinte/leitor, “brincando” com os possíveis efeitos de sentido que a piada pode adquirir, levando-o a construir várias possíveis interpretações para, em seguida, impedir-lhe algumas, até que ao final do texto, apenas um sentido deve ser levado em conta para que a piada produza a “graça” que esse gênero requer (Muniz, 2001).

Figura 2 - Texto 2: “O caso do goleiro Bruno”



Fonte: <http://www.facebook.com/home.php#!/home.php>

O Texto 2 (figura 2), como o Texto 1, possui elementos de linguagem não verbal e verbal, que situam o leitor/interlocutor e direcionam à interpretação do texto. Permanece na linguagem verbal o efeito humorístico do texto.

Um escritor/falante ao produzir seu texto supõe um conhecimento prévio por parte do seu interlocutor, ou seja, para introduzir elementos ou informações novas, ele, o produtor do texto, baseia-se e apoia-se num conhecimento anterior, numa informação já compartilhada pelo seu interlocutor/leitor (Muniz, 2001, s.p.).

Assim, a imagem dos envolvidos no caso ajuda na compreensão do interlocutor/leitor que desconhece o caso, pois o faz inferir que há alguém sendo acusado e julgado, ainda que desconheça as causas envolvidas. Também a alteração do termo *pronto* para *resolvido* sugere uma interpretação mais compatível com um julgamento. Um alimento fica *pronto*; um caso judicial é *resolvido*. Concorde-se, aqui, com Marconi (1997 *apud* Marcuschi, 2000, s.p.) que:

Competência inferencial do leitor/ouvinte irá influenciar muito na compreensão do texto, ressaltando-se que por competência inferencial entende-se toda uma rede de relações cognitivas, construídas socioculturalmente das quais o leitor lança mão no processo de compreensão, uma vez que a inferência é um fenômeno de “natureza sociointerativa e corresponde a movimentos discursivos em que certos elementos são tomados para que se chegue a outros”. Ou seja, inferir é realizar um raciocínio, por meio do qual, com base em conhecimentos (linguísticos, partilhados, de mundo) o leitor chega a outros conhecimentos que não tem que ser exatamente novos.

Como se pode observar, em nenhum dos textos está referenciada a crítica à morosidade do sistema judiciário brasileiro, mas quando se fazem as inferências necessárias, tem-se um conhecimento de mundo e um conhecimento partilhado, é possível compreender os textos humorísticos e, no caso desse *corpus*, a crítica neles sugerida.

Considerações Finais

Mediante o exposto, pode-se dizer que as inferências ajudam a compreender os textos de humor, carregados de imprevisibilidade, contradição ou ruptura com o estabelecido. O mural do *facebook* é suporte onde alguns textos circulam, produzindo muitos efeitos e podendo se constituir num amplo campo de estudos linguísticos, sobretudo aqueles que se preocupam com os gêneros emergentes no meio virtual.

A escolha do *corpus* foi proposital, no processamento textual, necessário para que se efetue a compreensão, as inferências seriam um dos fatores primordiais. Nesse caso, a inferência se mostrou grande “chave” que procurou desvendar o jogo que envolve a compreensão do gênero estudado, uma vez que por meio das múltiplas atividades desenvolvidas pelos processos inferenciais, o leitor, num processo interativo, chegaria à compreensão do texto.

Referências

COSTA, Larissa *et al.* (Coord.). **Redes**: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da autoorganização. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Leitura**: inferências e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 2000.
MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística Cognitiva In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 177-192.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCK, I. G. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Quando a referência é uma inferência**. GEL, UNESP. Assis- SP, 2000.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTINS, G. A.; THEOPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MUNIZ, Kassandra da Silva. **Analogia e Atividade Inferencial em Textos da Fala e da Escrita**. ABRALIN, UFC, 2001.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

POSSENTI, Sírío. **Os Humores da Língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SANTOS, L. W.; CUBA RICHE, R.; TEIXEIRA, C. de S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

WIKIPEDIA. **Facebook**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>. Acesso em: 25 fev. 2013.